

1

Aula

Introdução à economia política e ao pensamento liberal clássico

EDA 0101

Prof. Daniel Tojeira Cara



O que é economia política?



E...

Para que serve a economia política?





A definição de Adam Smith (1723-1790)

“A **economia política**, considerada como um ramo da ciência dos estadistas e legisladores, propõe-se duas finalidades: primeiro, fornecer ao povo um rendimento e subsistência abundante, ou, melhor dizendo, permitir-lhe que obtenha por si mesmo tal rendimento ou subsistência abundante; segundo, fornecer ao Estado ou à república uma receita suficiente para o serviço público. Assim, a economia política propõe-se, a um só tempo, **enriquecer o povo e o soberano.**”

A Riqueza das Nações, Livro IV, Introdução.

Adam Smith é o verdadeiro fundador da Economia Política.





■ O que é a economia?

Alfred Marshall:

“A economia é um estudo da humanidade conduzindo seus negócios cotidianos.”

Principles of Economics, vol. 1, p. 1.

Economia é a forma pela qual os seres humanos produzem sua existência (material) – ou materializam sua existência – e superam a mera sobrevivência.





Definições da FEA/USP

Parte 1 de 2

“Economia é o conjunto de atividades desenvolvidas pelos homens visando a produção, distribuição e o consumo de bens e serviços necessários à sobrevivência e à qualidade de vida.”



Cf. <https://www.fea.usp.br/economia/graduacao/o-que-e-economia>





Definições da FEA/USP

Parte 2 de 2

A Ciência Econômica é uma ciência social, que estuda o funcionamento da Economia Capitalista, sob o pressuposto do comportamento racional do homem econômico, ou seja, da busca da alocação eficiente dos recursos escassos entre inúmeros fins alternativos. Nesse sentido, a Ciência Econômica visa compreender como a Economia resolve os três problemas econômicos básicos:

1) O quê e quanto produzir? 2) Como produzir? e 3) Para quem produzir?

Ou seja, o estudo da eficiência e da equidade.

Contudo, no mundo contemporâneo, a sustentabilidade da produção para as gerações futuras se impõem como um quarto problema econômico básico, exigindo que se repense o crescimento econômico e o próprio sentido coletivo do consumo em permanente expansão sem propiciar um verdadeiro bem-estar às sociedades humanas.



Duas questões centrais

“Em toda análise e instrução econômica, a pergunta fundamental é a que determina os **preços** pagos por produtos vendidos e serviços prestados. E, também, como que o **dinheiro** proveniente destas atividades econômicas é distribuído. E, ainda, o que determina a parte que caberá aos salários, juros, lucros e, ainda, que menos distintamente, a renda pelo uso da terra e de outros objetos fixos e imutáveis empregados na **distribuição**.”

Teoria do valor e teoria da distribuição.

K. Galbraith, O pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica.
EdUSP, 1989, p. 5.



Estado e Economia

Apontamentos de John Kenneth Galbraith:

“Na realidade, as ideias econômicas **são sempre e intimamente um produto de sua própria época e lugar**; não podem ser vistas desvinculadas do mundo que interpretam.”

K. Galbraith, O pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica. EdUSP, 1989, p. 1.



Imagem: NPR/ @cc





■ Síntese do roteiro de Galbraith

“Pretendo ver a economia como um reflexo do mundo no qual as ideias econômicas específicas se desenvolveram – **as ideias de Adam Smith no contexto do trauma da Revolução Industrial**, as de David Ricardo em seus estágios posteriores mais maduros, as de **Karl Marx na era do poderio capitalista desenfreado**, as de John Maynard Keynes como uma reação ao implacável cataclismo da Grande Depressão”.



“Começa a surgir também um problema relativamente novo, mas hoje de grande urgência, o de descobrir **por que é impossível para a economia moderna encontrar emprego decente para tantas pessoas que estão dispostas a trabalhar.**”

K. Galbraith, O pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica. EdUSP, 1989, , p. 2; p. 6.





5 pontos: os mercadores e o Estado

1. A ascensão do Estado nacional gerou uma associação próxima (íntima) entre a autoridade do Estado e os interesses mercantis;
2. Dúvida de precedência: o Estado cultivou os mercadores para que servissem à sua autoridade? Ou o Estado era o instrumento do poder mercantil?
3. Os mercadores proporcionavam ao Estado os recursos econômicos que sustentavam o poder interno e externo deste;
4. O mercantilismo tinha raízes profundas na defesa e na belicosidade nacional;
5. As grandes empresas coloniais nasceram como instrumento de comércio, mas também – e em igual medida – de guerra.





Os primeiros “economistas políticos”

- Antoine Montchétien (1576-1621): França
- Antonio Serra: Itália
- Philipp W. von Hornick (1638-1712): Áustria
- Johann Joachim Becher (1635-1682): Alemanha
- Thomas Mun (1571-1641): Inglaterra



Nada mais que formulares a serviço dos mercadores.

Pensar a economia era pensar no meio prático de fortalecer o poder do Estado, dominado e pautado pelos mercadores.



A revolução de Adam Smith

A Era da Economia sucede a Era das Revoluções: Gloriosa (1688-1689), Estadunidense (1775-1793) e Francesa (1789-1799).

A “Riqueza das Nações” (1776) enterra a velha ordem mercantil no âmbito do pensamento: “Smith deu à economia a sua estrutura moderna. Mas esta estrutura, por sua vez, lhe fora dada pelos estágios mais iniciais da Revolução Industrial” (GALBRAITH, p. 59).

Três condições:

1. Revolução Industrial;
2. Racionalismo em oposição à teologia;
3. Afirmção dos direitos naturais: vida, propriedade e liberdade.

Conceitos centrais em Adam Smith

Livro 1: Capítulo 1. Da divisão do trabalho

“A divisão do trabalho gera em todos os ofícios, na medida em que é possível introduzi-la, um aumento proporcional das forças produtivas do trabalho.” (p. 9)



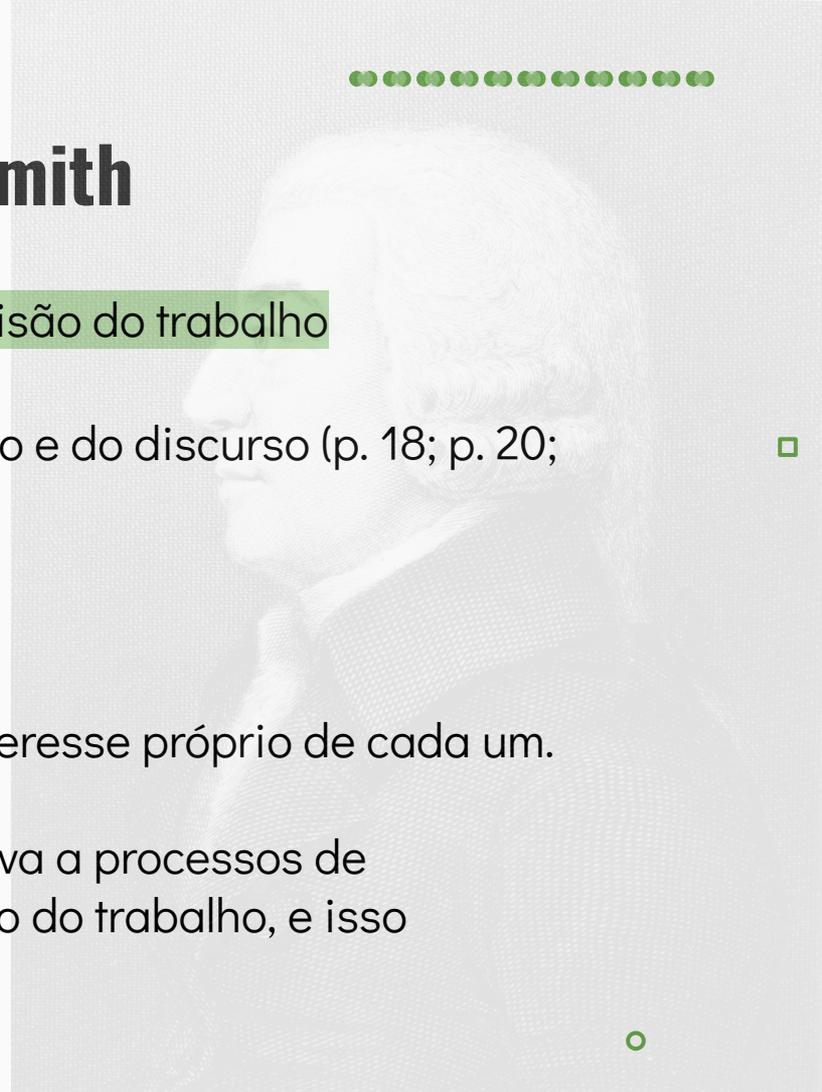
Conceitos centrais em Adam Smith

Capítulo 2: Do princípio que dá origem à divisão do trabalho

- Propensão à troca – faculdades da razão e do discurso (p. 18; p. 20; p. 21)
- Cooperação interessada (p. 19.; p. 22)
- Interesses próprios (p. 19)

A motivação econômica está centrada no interesse próprio de cada um.

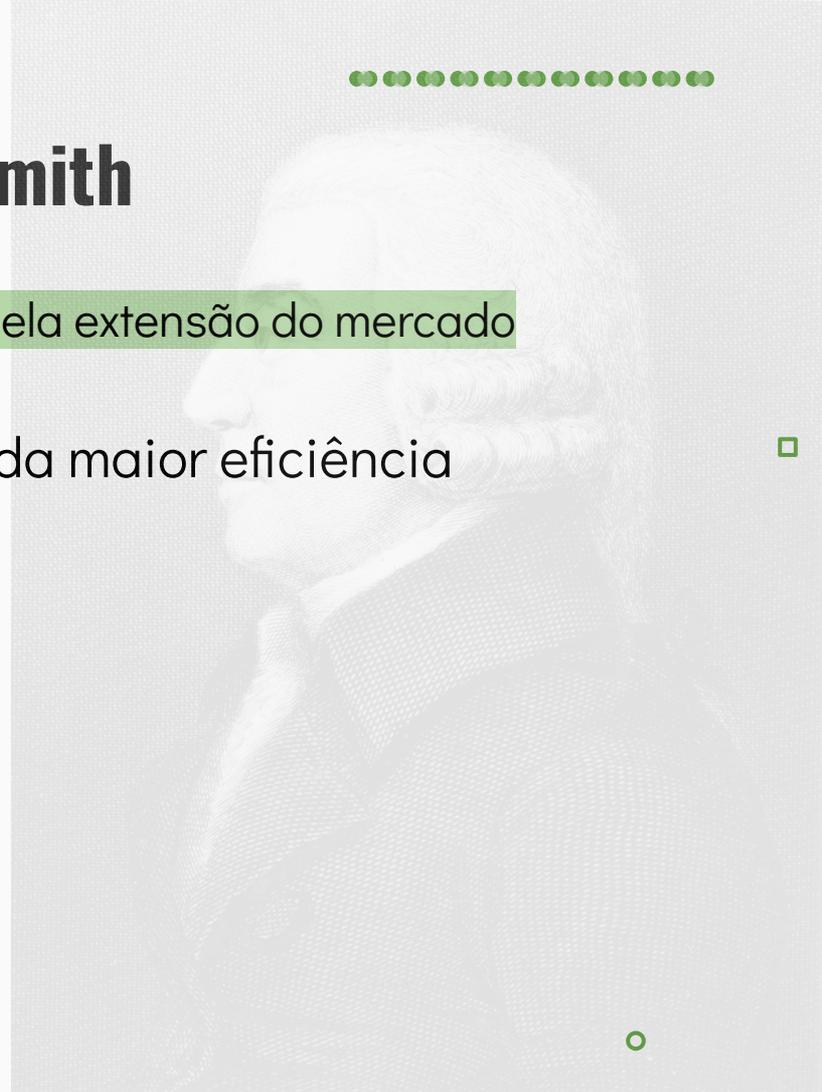
A realização do interesse próprio (riqueza) leva a processos de cooperação e competição inerentes à divisão do trabalho, e isso beneficia a toda a sociedade.



■ Conceitos centrais em Adam Smith

Capítulo 3. A divisão do trabalho é limitada pela extensão do mercado

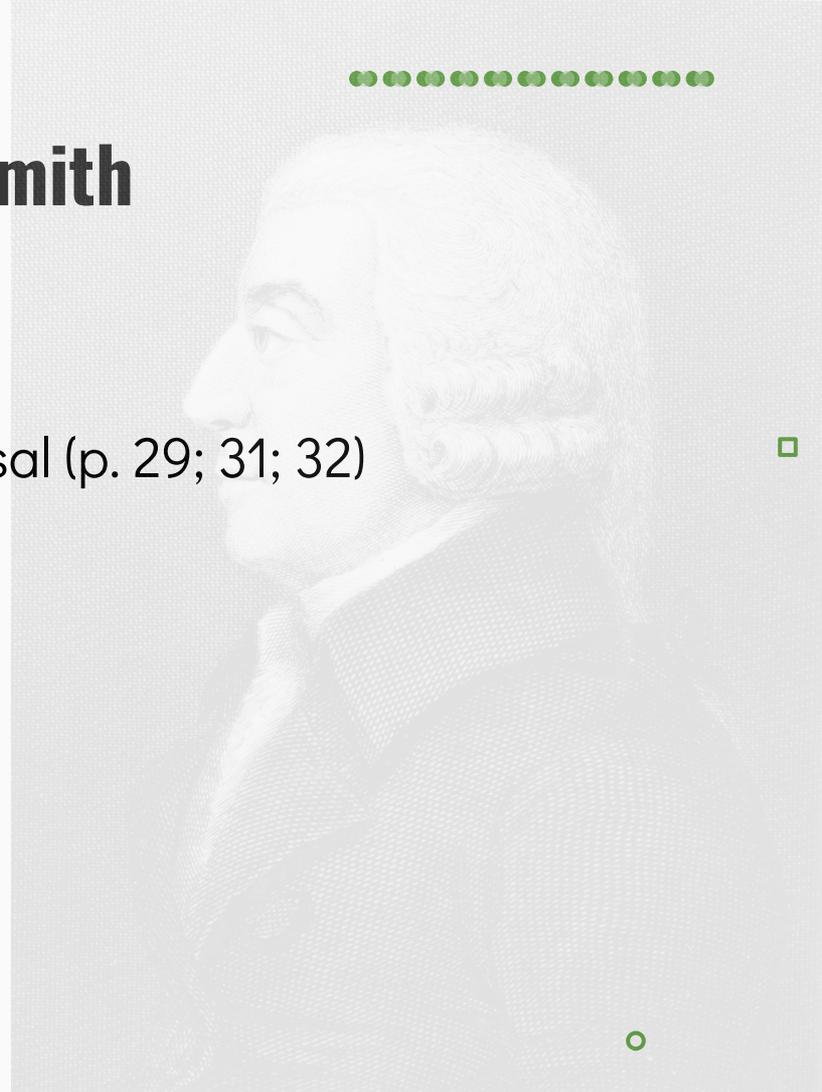
Princípio e defesa do livre comércio e da maior eficiência possível da mão de obra.



Conceitos centrais em Adam Smith

Capítulo 4. Da origem e do uso do dinheiro

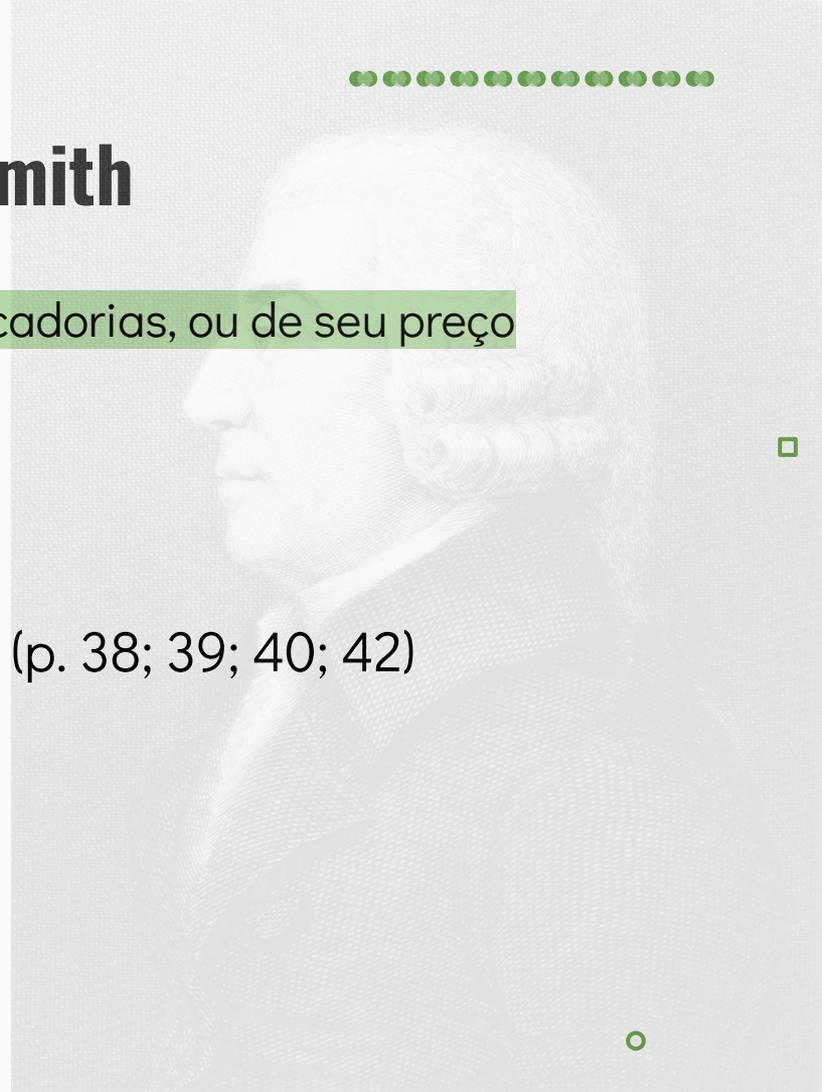
- Dinheiro como equivalente universal (p. 29; 31; 32)



Conceitos centrais em Adam Smith

Capítulo 5. Do preço real e nominal das mercadorias, ou de seu preço em trabalho e em dinheiro

- Valor de troca
- Valor de uso
- Trabalho como expressão do valor (p. 38; 39; 40; 42)



Conceitos centrais em Adam Smith

Capítulo 6. Das partes componentes dos preços das mercadorias

- Salários, lucros e renda da terra (p. 65).



Síntese e algo mais...

- Seres humanos trocam – fundamento da naturalização do capitalismo: mercadoria natural X mercadoria política;
- Vantagens pessoais norteiam os jogos de cooperação (especialização e trocas) e competição;
- Divisão do trabalho é a base da prosperidade;
- Ordem virtuosa da mão invisível;
- Repouso e equilíbrio;
- Crítica à caridade;
- Maximização dos indivíduos.



■ Outras questões

A base da austeridade: “Todo chefe de família prudente tem como máxima jamais produzir em casa o que lhe custará mais fazer do que comprar” (Livro 4, Capítulo 2, p. 568)



Impostos: “Os cidadãos de qualquer Estado devem contribuir para o sustento do governo de acordo, na melhor medida possível, com suas respectivas capacidades; isto é, em proporção às rendas que eles respectivamente auferem sob a proteção do Estado” (Livro V)

Educação: Livro V – programa de educação pública que restitua ao operário as virtudes cívicas e os direitos suprimidos em nome do aperfeiçoamento ou modernização da divisão do trabalho.





Três contribuições adicionais

Parte 1 de 2

- Jean Baptiste Say (1767-1823): Lei de Say - “toda oferta cria sua própria procura”, vencida pelos eventos históricos da Grande Depressão e pelo trabalho de J. M. Keynes (1883-1946): microeconomia (valor e distribuição, preços, salários, etc) x macroeconomia (administração da demanda). Além de valorizar o papel do “empreendedor”.
- Thomas Robert Malthus (1766-1834): PA x PG, crítica à caridade (controle de fertilidade), pobreza X produção maior, consumo menor. Pessimismo econômico. Crises do capitalismo.





Três contribuições adicionais

Parte 2 de 2

- David Ricardo (1772-1823). Definição de salário com base na Lei de Ferro: “aquele preço necessário para permitir que os trabalhadores, todos eles, subsistam e perpetuem sua raça, sem aumentá-la ou diminuí-la.”
- Resultado: salário é um preço natural, sem livre concorrência. Pobres permanecem pobres, devido ao equilíbrio. Contudo, o salário deve garantir subsistência plena.
- O lucro do capitalista é fruto do pagamento deferido pelo trabalho no passado, na construção das máquinas e outros instrumentos de trabalho. Ou seja, o lucro é fruto da exploração dos trabalhadores.
- O Capital é uma crítica apoiada na Lei de Ferro e na Teoria do Valor Trabalho, contudo a exploração se dá no presente.

